

O CONTEXTO HISTÓRICO E A CRÍTICA NO POEMA “NAVIO NEGREIRO” DE CASTRO ALVES

Orientanda: Nancy Antunes **ARRUDA**¹

Orientador: Marcio **SANCHES**²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma sucinta análise do poema “Navio Negreiro” do poeta brasileiro Castro Alves. Tal análise terá como foco uma abordagem histórica, tentando mostrar a fala do poeta no que diz respeito a sua indignação perante aos problemas sociais de seu tempo, em especial a escravidão. Através da poesia, o autor vai falar sobre essa mancha negra e vergonhosa na história de nosso país. Pelos olhos do autor podemos enxergar toda a dor e sofrimento causados a nossos irmãos nas viagens nos porões dos conhecidos navios negreiros.

PALAVRAS – CHAVE

Castro Alves. Navio Negreiro. Escravidão.

Introdução

Após a abdicação de D. Pedro I em favor do seu filho, na época com 5 anos, o Brasil entrava no período regencial, para que fosse possível o segundo reinado, foi necessário adiantar a maioridade do príncipe regente para 15 anos, fato que ficou conhecido como o golpe da maioridade, assim D. Pedro II assumiu o trono, no dia 23 de julho de 1840, na esperança de que essa coroação trouxesse paz à nação, ao mesmo tempo aprovavam-se leis que fortaleciam o poder do governo central.

(...) na periodização da história política do Império, é possível reconhecer alguns marcos. De 1822 a 1831, estende-se o primeiro reinado, de fisionomia nítida. A Regência, de 1831 a 1840, bolizada pela abdicação de D. Pedro I e o golpe da maioridade, tem fisionomia ainda bastante bem caracterizada. (HOLLANDA, 1935, p. 9).

¹Aluna do Curso de Graduação de Letras das Faculdades Integradas Regionais de Avaré – FIRA.

²Graduado em Letras - Faculdades Integradas Regionais de Avaré – FIRA.

Porém, a ascensão de Pedro II não pacificou o país por mais do que uma década, o Brasil foi abalado por revoltas em diferentes regiões como a Revolução Praieira, Balaiada, Cabanagem e Sabinada. Entre 1835 e 1845 teve a mais devastadora de todas, a guerra a dos Farrapos, a qual o governo imperial tinha que enfrentar e superar para se manter no poder. Além dessas guerras, D. Pedro II teve que enfrentar a guerra entre os dois partidos políticos da época: Os Liberais e os Conservadores, para resolver tal contenda, o Imperador impôs um modelo conhecido como “Parlamentarismo às avessas”, em que o mesmo nomeava membros do gabinete ministerial de acordo com o poder que lhe era atribuído pelo Poder Moderador.

Depois de 1840 a 1850, assiste-se ao preparo da mais longa fase da história política brasileira, que é o Segundo Reinado, com o fim nesse primeiro instante das lutas da década antecedente a votação das leis garantidoras da ordem e o amadurecimento do Imperador de 1850 a 1864 é a relativa estabilidade geral e o primeiro surto de realizações materiais significativas. (HOLLANDA, 1935, p. 9)

A Guerra do Paraguai (1864-1870) foi um divisor de águas na história do Segundo Reinado, conflito causado pelo choque de interesses entre Brasil, Uruguai e Argentina, contra o Paraguai. O Brasil saiu vitorioso, mas com amargos impactos negativos, como por exemplo a economia que saiu a mais prejudicada, houve também o enfraquecimento de D. Pedro II, dando forças ao movimento republicano e o exército nos quadros políticos do Brasil, sendo os maiores articuladores, do fim da monarquia. Em 15 de Novembro de 1889 Marechal Deodoro da Fonseca, proclama a República, que culminou com o exílio de D. Pedro II e a família imperial.

(...) de 1864 a 1870 tudo está dominado pela guerra com o Paraguai, finalmente, de 1870 a 1889, quando apesar da relativa ordem e de certo desenvolvimento as contradições do sistema se aguçam ao embalo da campanha republicana até o golpe final. Em linhas gerais, essa é a periodização apresentada por Capristiano de Abreu, em conhecido estudo, que os historiadores repetem, às vezes, com pequenas adaptações. (HOLLANDA, 1935, p. 9).

No que se refere à escravidão, continuava o lucrativo e horrendo comércio de escravos, assim como ocorrera nos três séculos anteriores. O Império encontrava-se no dilema da pressão externa europeia, em especial da Inglaterra, para eliminar a escravidão e seu comércio, enquanto que no cenário interno, a abolição de tal prática significaria a perda de sua maior fonte de apoio, os grandes latifundiários escravagistas.

As divergências nunca acabaram, as disputas entre os que defendiam o fim da escravidão e os que não a queriam, questão essa que remonta desde o Primeiro Reinado, adiam a tomada de ações contra o tráfico negreiro, ações que só foram concretizadas por

causa de pressões feitas pela Inglaterra, resultando na Lei Eusébio de Queiroz, decretando a proibição do tráfico negreiro, encarecendo a mão de obra escrava e a tornando cada vez mais rara. A queda de braço entre abolicionistas e escravistas levou a serem decretadas algumas leis como a do Ventre Livre e a Lei dos Sexagenários, fazendo uma transição gradual até a total extinção da escravidão. Em 13 de maio de 1888, a princesa Isabel que assumiu provisoriamente o governo pois D. Pedro II estava na Europa, assinou a “Lei Aurea”, dando o golpe da misericórdia na escravidão.

Foi neste período que viveu e produziu seus escritos o poeta Castro Alves, o que o fez tomar parte nas críticas a escravidão. Desta forma, o poema a ser analisado neste trabalho é fruto de todo esse ativismo mostrado nos versos de *O Navio Negreiro*.

Contexto cultural

O Romantismo foi movimento intelectual, filosófico e artístico surgido na Europa no final do século XVIII. Caracterizava-se pela rejeição do racionalismo e do objetivismo, usando mais a subjetividade.

(...) o Romantismo aparece como amplo movimento internacional, unificado pela prevalência de caracteres estilísticos comuns dos escritores do período. É, portanto, um estilo artístico individual e de época. É um período estilístico, consoante a nova conceituação e terminologia, e a perspectiva sintética que tendem a vigorar doravante na historiografia literária. É, ademais, um conjunto de atividades em face da vida, e um método literário. (COUTINHO, 1922, p. 4)

Ligado às tradições medievais de narrativas aventureiras que incluem o amor e o heroísmo, em verso ou prosa em oposição aos padrões e regras da poética clássica. Exaltavam também feitos de heróis nacionais destacando o nacionalismo e o patriotismo. Influenciou uma profunda revolução cultural, além das Letras e das Artes, o Romantismo também contribuiu para o conhecimento científico, filosófico e religioso.

No Brasil, o movimento Romântico se destacou na Literatura, suas características não se restringiram a uma única forma de se expressar. Dessa forma o Romantismo no Brasil foi dividido em três fases ou gerações com características distintas. São elas: Primeira geração, também chamada de indianista, pois se destaca a figura do índio como herói na origem da nação brasileira. O contexto histórico é formado pela chegada da família real ao Brasil em 1808 e pela independência do país em 1822.

A segunda geração já tem como principais características o sentimentalismo exacerbado, o egocentrismo, idealização dos sentimentos como o amor e a tristeza, também é conhecida como geração ultrarromântica.

A terceira geração romântica trabalha com temas mais direcionados a sociedade, o sentimentalismo exagerado da segunda geração vai diminuindo assim como a idealização amorosa. No aspecto social, a escravidão passa a ser um dos principais temas. Nesta fase Castro Alves (1847-1871) é um dos principais escritores, ele viveu num momento efervescente da abolição, em meio ao surgimento das leis abolicionistas: Lei Eusébio de Queirós (1850), Lei dos Ventre Livre (1871) e a Lei Áurea (1888), esta última não presenciando, porém, o contexto de sua vida foi impregnado dessa temática.

Nascido em 1847, em Crivalinho (BA), Antônio Frederico de Castro Alves, mais conhecido como Castro Alves mudou-se para Salvador, pois seu pai foi convidado para lecionar na Faculdade de Medicina. Em 1858 ingressou no Ginásio Baiano onde foi colega de Rui Barbosa. Demonstrou vocação apaixonada e precoce pela poesia. Em 1859 perdeu sua mãe. No dia 9 de setembro de 1860, com 13 anos, recitou sua primeira poesia em público em uma festa na escola, mudou-se para Recife em 1862 e iniciou-se na faculdade de Direito.

Castro Alves chegou ao Recife numa época em que a capital pernambucana efervescia com os ideais abolicionistas e republicanas. Cinco meses depois de chegar, publicou o poema “A Destruição de Jerusalém”, no Jornal do Recife, recebendo muitos elogios. Em 1867 mudou-se para São Paulo, onde escreveu em 1868 *Navio Negreiro*. Em seguida, Castro Alves parte para o Rio de Janeiro onde conhece Machado de Assis, que o ajuda a ingressar nos meios literários. Em seguida, vai para São Paulo e conclui o Curso de Direito na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco. Voltou para Salvador, muito debilitado pela tuberculose, viajou em 1870 para tratamento em Itaberá, em setembro de volta a Bahia lançou “Espumas Flutuantes”, seu único livro editado em vida.

Castro Alves ficou conhecido como “poeta dos escravos”, devido à sua indignação com o tema representada nos seus escritos, foi um marco na história da Literatura brasileira, faleceu prematuramente, no dia 6 de julho de 1871, aos 24 anos, deixando inacabado o seu livro *Os escravos*. É patrono da cadeira n.º 7 da Academia Brasileira de Letras.

Navio Negreiro Análise

O *Navio Negreiro* foi escrito em 1868, em São Paulo, quase vinte anos após a Lei Áurea (1850), é um dos mais conhecidos do escritor dada a sua importância histórica e política.

O poema é dividido em seis partes, tem como subtítulo: “tragédia no mar”, descreve como era a viagem dos negros para o Brasil. Mostra o sofrimento de mulheres e homens escravizados, tirados do país deles e transportados, em condições subumanas, até o Brasil, o poeta parece tentar sensibilizar o país mostrando a crueldade associada à escravidão. Assim como está no subtítulo, o poema se trata de uma tragédia, pois se caracteriza pelo inconformismo e conflito entre a escravidão e a lei vigente no país naquela época.

PARTE I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o
espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo — o mar em cima — o
firmamento...

E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto
ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a
esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas

Na primeira parte é descrita a atmosfera tranquila, nos dá uma apresentação do panorama da natureza como um quadro cinematográfico da paisagem, cantando a beleza entre o céu e o mar, estes lugares centrais na poesia, nos apresenta a semelhança do mar em relação ao céu, observando com admiração a travessia. “Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...”

Exalta também os marinheiros, “Homens do mar! ó rudes marinheiros, Tostados pelo sol dos quatro mundos!” , os colocando como heróis, retomando a história das grandes navegações e da exploração dos oceanos.

PARTE II

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
As vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos de Tasso,
Junto às lavas do vulcão!

O Inglês — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir.. .
O Francês — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga jônia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,
Homens que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu ...
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu! ...

Na segunda parte o enfoque continua nos marinheiros, de que não a nacionalidade quando se está no mar “Que importa do nauta o berço, ”, pois o mar e a morte iguala a todos.

São descritas distintas nacionalidades, cada qual com suas saudades de suas terras: espanhóis, italianos, ingleses e franceses, fazendo, por último, referências aos gregos, eternos navegadores das clássicas odisséias.

PARTE III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

É na terceira parte que ocorre o contato com a realidade da navegação, nada de viagens exploradoras heroicas, mas sim um navio de comércio humano, a beleza externa mostrada nas

primeiras estrofes é contraposta agora com a tragédia humana. O autor mostra sua indignação com exclamações de espanto: “Meu Deus! Meu Deus! Que horror! ”. Agora olhando por dentro do navio, percebe-se que se trata de um navio negreiro, assim chamados os navios usados para o transporte de nativos africanos para serem escravizados no Brasil.

PARTE IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras
voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

Se o autor pretendia mostrar sua indignação com a escravidão e atingir o leitor, certamente o fez na quarta parte. Ela é muito impactante e chocante, o autor descreve a horrível cena dentro do navio, onde homens, mulheres e crianças negras, acorrentados, sofrem castigos e atrocidades. A cena, de tão dramática e cruel, é comparada ao inferno, o autor faz referência à obras de Dante Alighieri *A Divina Comédia* que descreve uma viagem de Dante através do Inferno, Purgatório, e Paraíso, “Era um sonho dantesco...” .

A emoção aumenta na estrofe seguinte quando o sujeito poético se detém no elemento feminino que amamenta os seus filhos não com leite, mas com sangue “ Negras mulheres, suspendendo às tetas Magras crianças cujas bocas pretas Rega o sangue das mães ”. Outras mulheres mais jovens “Outras moças, mas nuas e espantadas” aí permanecem no meio de cadáveres.

A cena grotesca mostra os prisioneiros com diferentes sinais de loucura: “Um de raiva delira, outro enlouquece”. O poeta usa termos opostos (geme/ri, chora/dança, orquestra/estridente, maldições/preces), para dar a ideia do trágico ambiente delirante, assim como usa a ironia na qual a “dança” é o movimento dos corpos em reação aos açoites e a “orquestra” é a mistura sinistra dos gritos, choros, lamentos, correntes e chicotadas, um ambiente infernal feito um espetáculo regido pelo próprio Diabo “ E ri-se Satanás!...”.

Este trecho, com essas comparações, nos apresenta as terríveis condições em que os escravos faziam essa viagem, com a morte a os espreitar. Privados de sono e alimentação, sempre eram acordados com um dos seus sendo jogado ao mar sem vida. Os maus tratos não se limitavam à viagem, trabalhando em nosso país também eram tratados de forma desumana.

A maioria dos senhores de escravo tratava o cativo como animal de serviço, abaixo do cavalo da cela e no mesmo plano do boi de carro e do burro de carga, embora esse, fossem menos infelizes por falta de consciência para alcançar o horror da humilhação. Cavalos, burros e bois, estavam livres da tirania do tronco, dos bolos de palmatória, dos suplícios das máscaras de flandres, das torturantes prisões em solitárias soturnas, do terrível agonia dos longos jejuns, da ignorância dos grilhões e de todas as formas desumanas e humilhantes castigos físicos e morais. (LUNA, 1976, p. 24).

Por mais de três séculos (1550 a 1888) o negro sofreu todo tipo de atrocidades em terras brasileiras. Capturado em seu próprio continente junto com sua família por tribos inimigas, já eram tratados como mercadorias, trocados por alimentos ou armas de fogo.

Muitos resistiam bravamente, mas sofriam vários castigos, apanhavam, quando não eram mortos, muitos morriam antes mesmo de chegar a terras brasileiras nos porões fétidos, asfixiantes e escuros dos famosos navios negreiros. Assim que pisavam no país, eram levados para os mercados e tratados de forma desumana, acorrentados uns aos outros, eram vendidos para os fazendeiros, onde eram humilhados de todas as formas possíveis.

PARTE V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas

Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão. . .

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram crianças lindas,
Viveram moças gentis...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus ...
... Adeus, ó choça do monte,
... Adeus, palmeiras da fonte!...
... Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó.
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sede...

Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

Ai! quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na cadeia,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer. .
Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! ...

A parte cinco do poema é construída pelo poeta de forma a fazer indagações e comparações a respeito da origem e da vida que os prisioneiros levavam na terra natal. Castro Alves questiona quem são esses seres humanos “Quem são estes desgraçados”, “Nasceram crianças lindas” e de certa forma, qual a razão do destino cruel. Eram livres e viviam segundo suas necessidades “Ontem a Serra Leoa, A guerra, a caça ao leão, O sono dormido à toa”, agora são escravizados injustamente “Hoje... cúm'lo de maldade Nem são livres p'ra morrer..”, uma denúncia de como a vida do nativo africano era interrompida. Um fato desumano tratar outros seres dessa forma somente por força das necessidades de lucro e comércio.

Na verdade, o negro foi trazido para preencher o papel de força de trabalho compulsório numa estrutura que se organizava em função disso. A grande lavoura colonial não se preocupava em prover o sustento de produtores, mas em produzir para o mercado. Dessa forma, a “racionalidade” e a eficiência de sua organização só podiam ser avaliadas na medida em que atingissem esses objetivos para os quais o escravo era fundamental.” (PINSKY, 1992, p. 21)

O autor nos apresenta sua indignação perante as maldades que ele está vendo e clama para Deus e ao mar para que se acabe tanto sofrimento, tantas atrocidades. “Senhor Deus dos desgraçados! Astros! noites! tempestades! Varrei os mares, tufão! ...”, seguindo assim, o tom de revolta no poema.

A indignação móvel profunda de toda arte revolucionária, tende, na poesia de Castro Alves, a concretar-se em imagens grandiosas que tomam à natureza, à divindade, à história personalizada o material para metáforas e comparações.” (BOSI, 1970, p. 127)

O autor demonstra grande sensibilidade para tratar desse tema tão delicado da questão humanitária, pois ressalta o escravo como ser humano que teve seus direitos violados bruscamente, forçados a abrir mão de sua integridade africana, de sua religião e seus direitos civis.

PARTE VI

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é
esta,
Que impudente na gávea tripudía?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélagos profundo!

Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

Na última parte Castro Alves nos questiona sobre a bandeira hasteada é a responsável por tal infâmia “Auriverde pendão de minha terra, Que a brisa do Brasil beija e balança”, no poema essa bandeira é a do Brasil, pátria do poeta, ao qual ele demonstra seu total sentimento de desapontamento e revolta com a escravidão.

A palavra do poeta baiano seria, no contexto em que se inseriu, uma palavra aberta. Aberta à realidade maciça de uma nação que sobrevive à custa de sangue escravizado: é o sentido último do “Navio Negreiro”. (BOSI, 1970, p. 126)

Os fatos mostrados no poema fazem com que os leitores possam refletir sobre a terrível situação em nossa nação, pois é bem clara sua fala rebelde do autor.

(..) Tocar com a mão a corrente da História parece uma experiência acessível a qualquer leitor dos poemas sociais de Castro Alves (...) “Vozes d’Àfrica” e “O Navio Negreiro” foram amados e compreendidos como falas de rebeldia, e com certeza uma abordagem de receptação confirmam essa leitura. (BOSI, 2005, p.201)

Nos trechos finais o autor invoca os heróis do Novo Mundo para que eles acabem com a escravidão “Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!”, o que demonstra uma esperança de liberdade e mudança nos rumos da nação.

Considerações Finais

O desenvolvimento do presente trabalho procurou fazer uma exposição do período conhecido como II Reinado, o contexto em que estava inserido o poeta Castro Alves no que diz respeito à escravidão e seu trabalho como poeta abolicionista. Através da obra o *Navio Negreiro*, podemos conhecer como era a viagem tortuosa dos negros desde a África até os variados lugares do país e como o poeta denuncia a situação. O poema nos dá uma ideia da forma como isso revoltou o autor e de como era desumana a escravidão que, por fim, num processo lento, aconteceu a abolição, não pela benevolência do ser humano, mas sim pela ganância de alguns. Nos levando a crer que a vida humana não passa de um comércio e que tudo visa o lucro.

Referências Bibliográficas

- BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 52ª edição, 2017.
- BOSI, Alfredo. **Sob o signo de Cam** in Dialética da Colonização. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- COSTA, E.V. **Da Monarquia à República; Momentos Decisivos-9**. São Paulo: Unesp, 2010.
- COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 6ª edição, 1996.
- HOLLANDA, S.B. **O Brasil Monárquico**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1997.
- LUNA, L. **O Negro na Luta contra a Escravidão**. Rio de Janeiro: Catedral, 1976.
- MANAUD, M. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 5ª edição, 2001.
- PINSKY, J. **A Escravidão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1992.
- RODRIGUES, N. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo: Nacional, 4ª edição, 1976
- WARNHAGEN, A. **História Geral do Brasil**. São Paulo; 8ª edição.